

TECNOLOGIA E MERCADO, IDENTIDADE E DISCURSO: PREPARANDO UMA PESQUISA SOBRE A CRISE NA PROFISSÃO DE JORNALISTA EM MACAÉ E REGIÃO

Adriana Corrêa Silva Porto¹

Cassiano Ferreira Simões²

Christiane Reis Milagres³

Marcello Riella Benites⁴

Sérgio Arruda de Moura⁵

RESUMO

O presente artigo parte do atual quadro desfavorável enfrentado pelos jornalistas no mercado de trabalho, no qual não é exigido o diploma para o exercício profissional, para propor o enfrentamento dessa situação. O estudo se dá particularmente com as cidades do entorno de Macaé (RJ), mas no contexto de um resgate do jornalismo em geral, no Brasil, como meio de vida. Objetiva fundamentar teoricamente e preparar futura pesquisa de campo (pesquisa-ação) com o coletivo regional desses trabalhadores no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PGCL/UENF). Discutido também no âmbito do grupo de pesquisa de Comunicação Regional da Faculdade Católica Salesiana de Macaé, a pesquisa lança mão da Análise do Discurso, e realiza investigações identitárias. Adere por fim à proposta da busca de *um jornalismo de novo tipo*, como apresentado pelo grupo *Governança, produção e sustentabilidade em Jornalismo*, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Palavras-chave: Resgate do jornalismo; Novo Jornalismo; Jornalismo em Macaé e região; Identidade do jornalista; Discurso de jornalistas.

ABSTRACT

This paper considers the current unfavorable situation faced by journalists in job market, in which University Degree is not required for professional practices, to propose the confrontation of this condition. The study takes place particularly with the cities around Macaé (RJ), but also in Brazil as a way of life. It aims to support and prepare a future research (action research) with the regional collective of these workers for the Postgraduate Program in Cognition and Language at the Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (PGCL/UENF). The research uses Discourse Analysis and carries out identity investigations, also discussed within the scope of the Regional Communication research group of the Salesian Catholic Faculty of Macaé. Finally, the paper proposes to investigate a new type of journalism, as shown

¹ Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Católica Salesiana, Avenida Santos Moreira, 445, Miramar, Macaé (RJ), acporto@ymail.com.

² Coordenador dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Católica Salesiana, Avenida Santos Moreira, 445, Miramar, Macaé (RJ), coordcs@salesianamacae.edu.br; cassianosim@ymail.com.

³ Professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Católica Salesiana, Avenida Santos Moreira, 445, Miramar, Macaé (RJ), chrismilagres@gmail.com.

⁴ Jornalista pela Escola de Comunicação da UFRJ, mestre e doutorando pela Univ. Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Av. Antônio Abreu, 1805, Horto, Macaé (RJ), marcellobenites@hotmail.com.

⁵ Doutor em Letras (Ciências da Literatura) pela UFRJ e professor associado I da UENF.

by Governança, Produção e Sustentabilidade no Jornalismo group, from the Federal University of Santa Catarina.

Keywords: Journalism rescue; New Journalism; Journalism in Macaé and region; Journalist's identity; Journalists' speech

INTRODUÇÃO

A medida provisória MP 905/2019⁶, que versava sobre o *Contrato Verde e Amarelo* e, dentre outros itens, acabava com a necessidade de registro no Ministério do Trabalho para o exercício do jornalismo, chamou a atenção da sociedade para uma situação que já está posta desde 2009. Naquele ano, o STF extinguiu a necessidade do diploma de jornalista para quem desejasse trabalhar na profissão. A partir de então, o registro no ministério, mediante a apresentação de três produções jornalísticas, passou a ser suficiente para se atuar na área. A decisão foi determinante para uma grande desvalorização da categoria no mercado de trabalho, agravando a já difícil condição profissional.

Numa abordagem na linha da *pesquisa-ação* aliada à Análise do Discurso (AD) de origem francesa, investigaremos a experiência do Coletivo de Jornalistas de Macaé e Região diante de tal quadro. Atualmente, em todo o Brasil, a categoria enfrenta grandes dificuldades. As condições de trabalho são precárias, a remuneração é baixa e as demissões, frequentes, bem como o desemprego e o exercício de outras atividades para complementar a renda, e até o abandono do ofício.

O impacto das novas tecnologias, somado às mudanças no mercado midiático e ao descaso com o bem-estar dos empregados, agrava esse quadro. É exigido que os poucos profissionais, em redações cada vez mais enxutas, trabalhem em dobro para compensar a falta dos demitidos. O trabalho torna-se com frequência desumano. Jornalistas chegam a assumir a função de motorista e fotógrafo. Com a modalidade impressa em declínio e as novas plataformas tecnológicas, não é raro que um profissional entreviste a fonte e grave com ela breve entrevista em vídeo; publique imediatamente uma nota nas redes sociais do veículo, edite o material completo para site e impresso; e por fim, faça a edição e postagem do vídeo, de forma semelhante ao que observamos Kischinhevsky (2009, p. 58): “No Brasil e no exterior, há crescente preocupação com a descaracterização do papel social do jornalista, travestido de banda-de-um-homem-só, um malabarista das ferramentas digitais”.

⁶ A Medida Provisória (MP) Nº 905, de 11 de novembro de 2019, que altera a legislação trabalhista, foi revogada pela MP Nº 955, de 20 de abril de 2020.

Embora com roupagem contemporânea, essas dificuldades estão contextualizadas na história da própria imprensa em nosso país. Elas têm relação com a natureza da atividade jornalística em si que, ao divulgar os fatos, difunde também as ações dos governos e demais setores de poder econômico e político, inclusive as negativas e/ou impopulares, recebendo desses agentes um histórico antagonismo. Apresentado por Lustosa (2003, p. 11-15) como o modelo do homem de imprensa iluminista e pioneiro do jornalismo brasileiro, Hipólito da Costa foi perseguido por denunciar a opressão de Portugal sobre a colônia (SODRÉ, 1966, p. 30). Assim, desde o início, a trajetória dos jornalistas em nosso país é marcada por censura, empastelamento de jornais, prisões, torturas e assassinatos.

IMPACTOS ATUAIS, MAS TAMBÉM HISTÓRICOS

A *desregulamentação universal*, fenômeno que atinge todos os setores da vida, especialmente as profissões, desencadeia, segundo Bauman (1998, p. 34), “o despedaçamento das redes de segurança socialmente tecidas (...) e o repúdio de todas as razões que não econômicas”. Ela envolve também a *desintermediação* descrita agora por Levy (1996) como importante característica da era virtual:

Toda uma classe de profissionais corre doravante o risco de ser vista como intermediários parasitas da informação (jornalistas, editores, professores, médicos, advogados, funcionários médios) ou da transação (...) e têm seus papéis habituais ameaçados. Esse fenômeno é chamado ‘desintermediação’ (LEVY, 1996, p. 63).

Estamos, portanto, no caso também de outras profissões, não diante de um fenômeno particular da perda de importância de uma atividade que passou a ser desnecessária, mas de um contexto em que transformações tecnológicas continuam operando cada vez mais numa lógica desagregadora de competição mercadológica excludente e predatória. Ao ingrediente de mercado soma-se historicamente o político e o trabalhista como veremos à frente.

A imprensa brasileira teve início tardiamente com a vinda da família real em 1808 – enquanto nas demais colônias europeias havia jornais já no século XVI (BAHIA, 2009, p. 20). Assim, a atividade teve início no Brasil muito tardiamente, e com certo “aspecto herético”, herdado da inquisição em Portugal, sob implacável vigilância da metrópole e da igreja (SODRÉ, 1966, p.12).

Numa muito sumária linha do tempo com censuras e violências emblemáticas sofridas por jornalistas na nossa história, podemos elencar, além do ocorrido ao já citado Hipólito da

Costa: a invasão da casa e quebra da mobília de José Côrte Real (1822); surra em Luís Augusto May (1823); assassinato de Líbero Badaró (1930); e ainda a demissão e ostracismo do abolicionista Joaquim Serra (1884), todas mencionadas por Sodré (1966).

O historiador prossegue relatando a prisão de profissionais de *O Jornal, Diário da Noite* e *A Batalha* (1930); a censura do DIP (1937-1945), incluindo a perseguição e inúmeros encarceramentos de Everardo Dias, forçado a viver longos períodos na clandestinidade; e também a depredação da *Última Hora*, fechamento de outros veículos; prisão, tortura, exílio e cassação de direitos políticos de inúmeros jornalistas (1964). O autor relata também, já nos anos 1950 e 1960, a difícil e desigual relação da categoria com a classe patronal (SODRÉ, 1966, p. 480).

Protagonistas na resistência à ditadura militar iniciada em 1964 e na redemocratização na década de 1980, os jornalistas, sempre imersos num mercado de trabalho instável e com frequentes ondas de demissões, foram fortemente impactados com a informatização das redações na virada das décadas de 80 para 90. Na ocasião, muitos abandonaram a profissão ou anteciparam a aposentadoria por não se adaptarem aos computadores.

Foi também quando se expandiu o mercado de assessoria de imprensa na iniciativa privada e em órgãos públicos, inclusive, por meio de concursos, o que acrescentou situações que a categoria não conhecia: condições de trabalho dignas, sem sobrecarga horária ou plantões excessivos, e com alguma estabilidade no emprego⁷. Os jornalistas da imprensa convencional, entretanto, permanecem até hoje, como já dissemos, em redações cada vez mais enxutas, informatizadas e multimidiáticas.

A inviabilidade do jornalismo como ofício é, portanto, o *pão de cada dia* nas conversas entre colegas, sempre ponderada por palavras como resiliência, profissionalismo, reinvenção profissional e ética. Os fatores que remetem a esse discurso dentro da categoria estão claramente expostos na obra seminal *Jornalismo online: modos de fazer* (RODRIGUES *et al.*, 2009), na linha do que já expomos acima.

Isso ocorre porque as mudanças tecnológicas do processo de globalização desencadeiam a convergência das mídias, que resulta na competição predatória entre grandes grupos de comunicação e na redução do número de veículos e de postos de trabalho. Tal contexto exige dos profissionais mais e mais habilidades tecnológicas, e as sempre excessivas

⁷ Mesmo o mercado de assessoria de imprensa, porém, sofreu e sofre reflexos da desvalorização, com clientes e empresas contratantes apresentando resistência em pagar preços e salários que viabilizem uma estabilidade mínima aos trabalhadores.

horas de trabalho, sem remuneração condizente, como podemos verificar ao longo de toda a investigação de Rodrigues *et al.* (2009).

O COLETIVO DE JORNALISTAS DE MACAÉ E REGIÃO

Fundado em 2016 para integrar os colegas, o Coletivo de Jornalistas de Macaé e Região é formado por cerca de 80 profissionais e busca suprir demandas que não são contempladas pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio (SJPERJ), com sede em Niterói. Entre outras ações, o Coletivo criou uma tabela de preços mínimos de serviços de assessoria de imprensa e lutou para instituir em Macaé um Conselho Municipal de Comunicação, proposto no Legislativo local. Também realiza cursos de aperfeiçoamento assim como *lives* no Instagram, com especialistas, acadêmicos ou não, da comunicação, sobre questões como fake news e pós-verdade, exigência do diploma e jornalismo antirracista. E abre-se ainda a parcerias com cursos de comunicação em faculdades, na cidade-sede⁸ e em Campos dos Goytacazes.

Nas suas reuniões mensais e num grupo de *WhatsApp*, são discutidos os fatos jornalísticos e as condições de trabalho. *É marcante a ideia de que precisam se reinventar como profissionais*, fazendo o melhor uso da tecnologia, mas não como um *determinismo* que deva inevitavelmente prejudicar o trabalho digno, como foi exemplificado acima. Cresce a consciência da necessidade de lutar pela exigência do diploma no contexto de uma regulamentação mínima para o exercício da profissão. É incentivada a autoestima profissional e a integração dos colegas. Também se observa a necessidade de revitalizar a estrutura sindical da categoria⁹. O grupo promove ainda um intenso movimento trabalhista e até político, como na citada ocasião em que apoiou a criação de um Conselho Municipal de Comunicação Social.

Por sua vez, Macaé, com 206,7 mil habitantes¹⁰, tem arrecadação acima de mais de R\$ 3 bilhões¹¹ (BENITES, 2022), resultantes da forte atividade de exploração e produção de petróleo, e dos royalties daí decorrentes. Apresenta-se, assim, como importante polo regional.

⁸ Vale ressaltar que a Faculdade Católica Salesiana de Macaé (FCSMA) encerrou sua habilitação em Jornalismo no ano de 2020 por motivos relacionados ao problema relatado neste projeto. Dois anos antes, a coordenação do Curso de Comunicação havia promovido uma reunião com jornalistas do Coletivo, como parte de um projeto de manter a habilitação, que, porém, não teve sucesso.

⁹ Uma das fundadoras do Coletivo, Fernanda Vizeu, jornalista do Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (Sindipetro-NF) foi eleita, no pleito realizado em dezembro deste ano, como integrante da chapa única na qual foi reconduzido o atual a presidente do SJPERJ, Mário Rodrigues de Souza.

¹⁰ De acordo com o IBGE, em 2010.

¹¹ Prefeitura estima queda de 11% no orçamento de 2021. 09/11/2020. Disponível em: <https://www.cmmaca.e.rj.gov.br/prefeitura-estima-queda-de-11-no-orcamento-de-2021/>. Acesso em: 13/12/2020.

E coloca-se, com jornalistas atuando em diversos veículos e instituições, e também de forma autônoma, como mercado relevante para o estudo da condição laboral desses profissionais.

PROFISSÃO JORNALISTA, MISSÃO ILUMINISTA

Nossa hipótese é que a vocação iluminista dos jornalistas (LUSTOSA, 2004, p. 15), com gerações e gerações de profissionais que sofreram ao longo da história o antagonismo político e a exploração do mercado, chega aos nossos dias ainda como idealismo cívico. O trabalhador da imprensa acredita que seu ofício contribui para a democracia. Buscando as origens dessa crença, entre as *referências históricas* já explicitadas na introdução, destacamos *O Nascimento da Imprensa Brasileira* (LUSTOSA, 2004). A autora define o jornalista do século XIX no contexto do *papel de uma imprensa difusora das luzes* do Iluminismo.

Num tempo em que o acesso à educação era tão menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das ideias disseminadas pelo Iluminismo ao longo do século anterior, a imprensa se firmara como um importante difusor das chamadas luzes. Naquele contexto, o jornalista se confundia com o educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através de seus escritos jornalísticos (LUSTOSA, 2004, p. 15).

E Cavalcanti (2006) explicita ainda mais essa vocação, fazendo menção a um jornalismo que se vê como “filho direto da ideologia das luzes”:

[...] consideramos importante apontar que traços como a racionalidade, o saber, a pesquisa, típicos da ciência, são atribuídos a esse campo a partir de seu aparecimento. Nessa perspectiva, o jornalismo teria se configurado vinculado a ideologias do progresso, seria “o filho direto da ideologia das Luzes”: o jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie (CAVALCANTI, 2006, p. 71).

De fato, vamos ver nas nossas referências em *estudos identitários* um sujeito do Iluminismo

[...] totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo (HALL, 2003, p. 10).

Enfim, o jornalismo se estabelece como um dos pilares da modernidade, sempre se reinventando e se organizando em conformidade com as vigas mestras dos processos sociais, econômicos e culturais.

JORNALISTA HOJE, UM SUJEITO DESCENTRADO SOB IMPACTO TECNOLÓGICO

É claro, porém, que esse definido por Lustosa, Hall e Cavalcanti não é o *sujeito jornalista* contemporâneo. Permanece a marca iluminista – essa é a nossa hipótese como explicitamos acima. Mas o profissional de imprensa, da mesma forma, aliás, que o indivíduo em geral na atualidade, particularmente no Ocidente, pode ser melhor compreendido pela Análise do Discurso (AD).

O sujeito é descentrado. A descoberta do inconsciente por Freud teria provocado consequências semelhantes à das “feridas narcísicas” infligidas ao homem por duas outras grandes descobertas anteriores: a de Copérnico que, ao declarar que a terra não é o centro do universo provoca um forte deslocamento na concepção de mundo que o homem passa a ter, e a de Darwin que, ao afirmar a ascendência animal do homem, apaga o mito da sua origem divina. Com a descoberta freudiana, o *eu* perde sua centralidade, não sendo mais “senhor de sua morada” (BRANDÃO, 2004, p. 68).

É do ponto de vista desse sujeito jornalista da modernidade tardia, não desapegado, entretanto, de sua *missão iluminista* – como supomos e buscaremos confirmar – que vamos questionar a hegemonia do discurso tecnológico. Embora não se destacando como crítico dessa hegemonia, Castells (1999) dá a dimensão com que devemos encará-la, definindo como é – ou como deveria ser – a *relação da identidade com a transformação econômica e tecnológica* (grifos nossos).

Devemos levar a tecnologia a sério, utilizando-a como ponto de partida desta investigação; precisamos localizar o processo de transformação tecnológica revolucionária no contexto social em que ele ocorre e pelo qual está sendo moldado, e devemos nos lembrar de que a *busca da identidade é tão poderosa quanto a transformação econômica e tecnológica* no registro da nova história (CASTELLS, 1999, p. 42).

Às dificuldades históricas se unem às do tempo atual, de revolução tecnológica, baixa renda e desvalorização perante a sociedade, agravadas por episódios como a decisão do STF sobre o diploma.

Em 2020, esse quadro ganhou outro elemento. O descrédito de parte da população contra a linha editorial de veículos da grande mídia na cobertura da pandemia de Covid-19 abateu-se sobretudo contra os jornalistas, que foram literalmente atacados e intimidados quando faziam seu trabalho. Tudo isso contribuiu para uma identidade fragilizada, mas ainda com suficiente consciência do próprio valor para que se produza um discurso de resistência, adequação aos tempos atuais e *reinvenção profissional*. É essa *identidade e discurso de resistência e reinvenção* que buscaremos confirmar nas entrevistas com os integrantes do Coletivo de Jornalistas de Macaé e Região.

JORNALISMO DE NOVO TIPO

Novos caminhos, porém, são apontados, como o conceito de *governança social* aplicado à área. Um deles é indicado pela pesquisa GPSJor¹² – Governança, produção e sustentabilidade para um jornalismo de novo tipo – liderada por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, e apresentada no 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela SBPJor¹³, no ano de 2019 em Goiânia.

As transformações enfrentadas atualmente pelo jornalismo criam desafios complexos, que ultrapassam em muito sua face mais visível, o declínio de receitas descrito como uma crise do modelo de negócios. Por isso, o GPSJor investiga o conjunto de representações cruzadas sobre a qualidade do jornalismo local produzidas por profissionais, *suas audiências e outros públicos participantes (fontes, anunciantes, proprietários, stakeholders e outros)*. Em paralelo à avaliação de qualidade, o estudo mapeou formas de aperfeiçoar as interações e cooperações dos agentes que configuram este jornalismo. O objetivo foi conceber inovações de governança que envolvam várias dimensões do ofício e assegurem sua sustentabilidade (MICK *et al.*, p. 5, 2018).

Enfatizamos o grifo da citação acima, por tratar-se de um segundo momento da nossa investigação, quando, após entrevistas qualitativas em encontros com jornalistas, buscaremos outros parceiros da produção jornalística. Além de “fontes, anunciantes, proprietários, stakeholders”, como mencionam Mick *et al.* (2018), acrescentamos, a título de exemplo, leitores, ouvintes, internautas; profissionais como fotógrafos, diagramadores, motoristas; donos de bancas de jornais, entregadores e profissionais autônomos; trabalhadores autônomos da internet (blogueiros, youtubers, influencers); e representantes de instâncias governamentais entre outros. O cruzamento das respostas de jornalistas com as dos demais parceiros produzirá

¹² Governança, produção e sustentabilidade em Jornalismo.

¹³ Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

uma massa de informações que, acreditamos, nos possibilitará elaborar uma proposta de “novo tipo de jornalismo”, que não seja interrompida pelas respostas paradigmáticas apontadas como motivos da crise da profissão: impacto tecnológico e imposições mercadológicas.

No evento da SBP Jor uma das mesas teve como tema *Trabalho e Identidade dos Jornalistas: em busca de modelos de governança social para superar a crise na profissão*. Na ocasião, foram apresentados e discutidos

[...] cinco dos quase vinte artigos que a Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade Profissional dos Jornalistas¹⁴ aprovou este ano, divididos em quatro comunicações coordenadas. Entre os temas tratados no conjunto das mesas, além dos modelos de governança, estão as novas perspectivas de estudo em trabalho e identidade no jornalismo, os novos vínculos do jornalista no mercado de trabalho, e a questão de autonomia e constrangimentos no exercício da profissão (GPS Jor, s/p, 2019).

A pesquisa “GPSJor – Governança, produção e sustentabilidade para um jornalismo de novo tipo” foi realizada de 2015 a 2019 em Joinville (SC). Envolveu mais de 20 pesquisadores de três instituições de ensino¹⁵. E os agentes sociais alcançados pelo projeto ultrapassaram 2 mil pessoas, atuantes desde a produção até o público do jornalismo.

O estudo contemplou sete técnicas de investigação combinadas para interpretar quatro dimensões da governança do jornalismo (editorial, de engajamento e circulação, de gestão e controle, financeira e de sustentabilidade): a) entrevistas exploratórias; b) enquête por amostragem representativa da população; c) enquête online, não representativa; d) entrevistas em profundidade; e) grupos de trabalho compostos por jornalistas e representantes da sociedade; f) revisão bibliográfica; g) observação de casos de inovação. Além disso, o projeto realizou três debates públicos de 2016 a 2019, com cerca de 100 participantes em cada encontro (MICK *et al.*, 2018, p. 3).

O JORNALISTA COMO “FIGURA MAIS IMPORTANTE” DA INSTÂNCIA JORNALÍSTICA

Na linha das reflexões de Rizzotto (2012) e Mainenti (2014), a imprensa é comumente apresentada como *quarto poder*, tanto com enfoque no papel de fiscalizadora contra abusos dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, quanto em viés questionador da força e dos abusos da própria mídia. Cabe aqui a distinção entre imprensa (ou mídia), enquanto conjunto de empresas e seus proprietários, e os jornalistas, como trabalhadores. Em *O discurso das mídias* (2010), Charaudeau considera tal distinção e menciona certa *instância* que envolve todos os

¹⁴ Linha de investigações mantida pela SBPJor.

¹⁵ O estudo envolveu pesquisadores dos programas de pós-graduação em Jornalismo e em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina, de Florianópolis; do curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus Ielusc, de Joinville, e do programa de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná.

operadores da mídia. “Nessa instância, o jornalista (...) não é o único ator, mas constitui a figura mais importante” (CHARAUDEAU, 2010, p. 73), afirma ele.

Em seu célebre ensaio sobre o processo de comunicação, *Codificação/Decodificação*, Hall (2006) estabelece uma diferença entre o *código hegemônico dominante*, que identificamos como o das empresas, e o *código profissional*, que identificamos com o dos jornalistas (grifos de Hall): “O código profissional (...) opera *dentro* da ‘hegemonia’ do código dominante. Na verdade, ele serve para reproduzir as definições dominantes, precisamente porque coloca entre parênteses seu caráter hegemônico” (HALL, 2006, p. 377).

ANÁLISE DO DISCURSO E PESQUISA-AÇÃO

Em nossa investigação de campo, recorreremos à Análise do Discurso (AD), de origem francesa, e a pesquisa-ação. A AD será aplicada ao *corpus* coletado nas entrevistas qualitativas a serem realizadas com membros do Coletivo estudado, com duração de 20 minutos cada. Além do conceito de *descentramento do sujeito* (BRANDÃO, 2004), trabalharemos com as noções de *interpelação ideológica* e *duplo esquecimento*. A interpelação ideológica consiste em que “cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social” (BRANDÃO apud MUSSALIM E BENTES, 2009, p. 135) e a partir daí enuncie seus discursos frequentemente sem que eles passem pelo seu controle consciente.

No *duplo esquecimento*, o primeiro é aquele pelo qual o sujeito coloca-se como a fonte única do próprio discurso, esquecendo-se de que ele é forjado principalmente pela sua cultura e pela sua inserção social e no mundo do trabalho, entre outros ambientes. Dessa forma, ele *rejeita e apaga* de sua memória qualquer influência de sua formação discursiva sobre o que fala. Já o *segundo esquecimento* é parcial e semiconsciente. Também chamado de *ilusão referencial*, ele produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Ou seja, achamos que nosso pensamento e fala refletem objetivamente e fielmente a realidade (ORLANDI, 2010; BRANDÃO, 2004).

A pesquisa-ação, por sua vez se dará nos moldes dos estudos realizados pelo já mencionado GPSJor. Entre os trabalhos da equipe, está o de Mick *et al.* (2019). Segundo os autores,

[...] a pesquisa-ação pressupõe o trabalho integrado de investigadores e seus interlocutores. Partindo da recusa à conversão do grupo estudado em “objeto” a equipe de pesquisa procura criar condições para trabalhar juntamente com os agentes na

busca por soluções para o problema em questão. Ao reconhecer a necessidade do envolvimento sistemático dos públicos para o aperfeiçoamento do jornalismo, o GPSJor decidiu perseguir a construção social de modelos de governança, por meio do trabalho conjunto de indivíduos, organizações do jornalismo e da sociedade civil (MICK *et al.*, 2019, p. 03).

Assim como o grupo de pesquisa sediado na Universidade Federal de Santa Catarina, pretendemos abordar o Coletivo de Jornalistas de Macaé e Região como uma *comunidade de prática (CP)*.

O conceito das CPs foi desenvolvido a partir da teoria da cognição situada (*situated cognition*), para a qual o aprendizado, ou seja, a produção de conhecimento, precisa estar associada a um envolvimento efetivo de professores e alunos. Para Lave e Wenger, se a regra deve ser aprender fazendo e fazer aprendendo, as CP's formam a estrutura ideal para promover a interação de membros de grupos formados pela preocupação com o aprendizado e com a prática de um tema de interesse coletivo (MICK *et al.*, 2019, p. 04).

Acreditamos ainda que *a abordagem pragmática da pesquisa-ação*, que valoriza o papel dos sujeitos numa comunidade de prática na busca de soluções para um problema concreto, estabelecerá uma frutuosa interdisciplinaridade com o *enfoque dialético da Análise do Discurso*, no qual os sujeitos têm pouca ou nenhuma autonomia diante de fenômenos sociais, linguísticos e psicológicos que os envolvem, mas lutam para influir sobre eles.

O ENVOLVIMENTO COM O GRUPO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO REGIONAL

Quatro dos autores deste artigo são membros do Grupo de Pesquisa (GP) em Comunicação Regional registrado na Coordenação de Pesquisa e Extensão da Faculdade Católica Salesiana de Macaé (FCSMA). O GP em Comunicação Regional surgiu em meados de 2018, quando dois professores da Coordenação de Comunicação, um publicitário e uma jornalista, decidiram iniciar pesquisas relacionadas à história da Publicidade e do Jornalismo local como forma de fomentar a paixão pela pesquisa entre os discentes.

A partir de 2019, alguns professores do curso se reuniram para realizar estudos coletivos sobre temáticas que eram de interesse comum a eles e aos seus alunos. Desde o início, os integrantes se colocaram abertos para receber pesquisadores de outras instituições, profissionais de áreas afins, estudantes e interessados em geral nos assuntos pertinentes à realidade da região. A proposta de ler e debater textos acadêmicos e, a partir daí, refletir sobre a realidade local se consolidou. Desde então, o grupo se reúne quinzenalmente para discutir as

pesquisas que são realizadas de forma coletiva e individual por professores, pesquisadores convidados e estudantes que estão concluindo a graduação ou pós-graduação.

A ideia de aproximar os alunos da pesquisa científica e ajudá-los a concluir seus TCCs (Trabalhos de Conclusão de Curso) sempre esteve presente e a troca entre os integrantes do grupo tornou tal prática natural, com sugestões de aperfeiçoamento, discussões sobre metodologias científicas e outras temáticas pertinentes. A participação nesta atividade ainda contribuiu para o ingresso de um dos autores deste artigo no PGCL/UENF. A partir deste momento, o grupo serve também ao propósito de debater textos e assuntos sensíveis a esta pesquisa de doutorado, que incorporará ainda um levantamento realizado por uma das autoras desse artigo, no âmbito do grupo de pesquisa, em um momento anterior.

Assim, os participantes exercem igualmente a tarefa de auxiliar aqueles que se interessam em ingressar em uma pós-graduação *strictu senso*, a fim de se tornarem mestres e/ou doutores. Esse auxílio vai desde o incentivo para que os interessados participem das seleções até o estudo dos textos relativos à temática escolhida e a formulação dos projetos. Após a aprovação no processo seletivo, o apoio continua com o estudo coletivo de textos e debates de assuntos que investigam a realidade regional, que estão no escopo do grupo de pesquisa. Atualmente, o Grupo se dedica a pesquisas centradas na comunicação e nas políticas sociais, identitárias de gênero, estudos do discurso outros relacionados às chamadas minorias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa a ser realizada no âmbito do PGCL/UENF conta com o apoio do grupo de pesquisa em Comunicação Regional da Faculdade Católica Salesiana de Macaé e tem finalização prevista para 2025. Mas seu preparo já indica uma condição da profissão jornalística contextualizada no momento político brasileiro atual e no quadro internacional de desregulamentação, fragmentação social, impacto tecnológico e transformações do mercado. O jornalista desenvolve sua identidade e elabora seu discurso afetado por esses fatores. Não parece que haja um horizonte ou metas, ou qualquer articulação da categoria em vista de objetivos.

O quadro atual segue em continuidade com a história da profissão no país e não conta com os destaques que já teve em momentos como a Independência, a Abolição da Escravatura, a resistência à ditadura e a redemocratização. A Associação Brasileira de Imprensa (ABI) já não figura mais ao lado da OAB e da CNBB como instituições garantidoras da democracia. Claro que com a deterioração do tecido social e das instituições democráticas provocadas pela decepção com os governos tucanos e petistas, e principalmente pelo bolsonarismo, também as

outras duas entidades perderam muito da sua influência. Mas com a ABI, bem como com os sindicatos de jornalistas, a irrelevância vem de mais tempo.

A investigação que propomos pretende vislumbrar horizontes possíveis, estabelecer metas viáveis e articulações estratégicas para contribuir na mudança desse quadro, em aliança com iniciativas semelhantes. Pretende-se promover esses resultados pelo resgate histórico, pelo aprofundamento sobre a imprensa como quarto poder; pela busca da definição da identidade dos profissionais; pela verificação do estágio de seu discurso atual e pelo estudo das condições de trabalho; todos esses investigados em diversas fontes e nos relatos dos integrantes da Comunidade de Prática. A Pesquisa-Ação é uma metodologia que apresenta as limitações do risco do engajamento, que pode comprometer o levantamento de informações fidedignas. Deve-se assim lançar mão de mecanismos de verificação de conclusões preliminares, para prevenir um contágio *excessivo* de idealismo e até de romantismo. Grifamos a palavra “excessivo”, porque acreditamos que uma dose adequada de idealismo é indispensável a um projeto que objetive intervir na realidade.

Pensamos, assim, em empregar a Análise do Discurso de origem francesa, como mecanismo de compensação do idealismo excessivo, como abordagem dialética que não vê no *sujeito descentrado* autonomia significativa diante das condições psicológicas e sociais da produção de seu discurso. Para a AD, sem querer antecipar conclusões, o jornalista seria – bem como o sujeito contemporâneo em geral – *assujeitado ideologicamente*, incapaz de colocar-se para além da necessidade de sobrevivência e das limitações tecnológicas e de mercado; dividido, em menor ou maior grau, entre seu idealismo e seus projetos pessoais de grandeza.

Pretendemos que o encontro da Análise do Discurso com a Pesquisa-Ação, como proposta pelo projeto GPS Jor, que inspira nossa investigação, possa dar pistas na procura pelo “jornalismo de novo tipo” de que falamos, principalmente no envolvimento dos demais parceiros da produção jornalística, os não jornalistas. Acreditamos que com as respostas do grande elenco de agentes sociais envolvidos na mídia regional teremos condições de apresentar, em Macaé e municípios circunvizinhos, propostas que contribuam com outras iniciativas para trabalhar por um jornalismo que volte a cumprir com mais efetividade seu papel em prol da democracia.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. v.1. Rio de Janeiro: Maud X, 2009.

BAUMAN, Z. **O mal-estar na pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

BENITES, 2022. **Macaé arrecada quase R\$ 1 bi a mais que o previsto em 2021**. Site da Câmara Municipal de Macaé, 21/02/2022. Disponível em: <https://www.cmmacaerj.gov.br/macaer-arrecada-quase-r-1-bi-a-mais-que-o-previsto-em-2021/>. Acesso em: 03 mai. 2022.

BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede. A era da Informação: Economia, Sociedade, Cultura**. v.1. 6ª ed. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, J. **No “mundo dos jornalistas”: interdiscursividade, identidade, *ethos* e gêneros**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: <http://migre.me/c6B1N>. Acesso em: 27 nov. 2011.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Codificação/Decodificação**. In: Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Tradução: Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GPSJOR. **Pesquisadores apresentam resultados no 17º Encontro Nacional da SBPJor**. Site do GPSJor, 05/09/2011. Disponível em: <http://gpsjor.sites.ufsc.br/2019/09/05/pesquisadores-apresentam-resultados-no-17o-encontro-nacional-da-sbpjor/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

KISCHINHEVSKY, M. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: RODRIGUES, C. (org.). **Jornalismo Online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2009.

LEVY, P. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MICK, J. *et al.*. **Governança social do jornalismo: uma experiência de pesquisa-ação multimétodos no sul do Brasil**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2019, UFG, Goiânia (GO), disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/1966/1177>. Acesso em: 13 dez. 2020.

LUSTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAINENTI, G. **O jornalismo como quarto poder: a liberdade de imprensa e a proteção aos direitos da personalidade.** Alceu, Rio de Janeiro (RJ), v.14, n.28, PUC-Rio, 2014. Disponível em:

<http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%2047-61.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MICK, J. *et al.* **Governança social do jornalismo:** uma experiência de pesquisa-ação multimétodos no sul do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2019, UFG, Goiânia (GO). Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/paper/viewFile/1966/1177>. Acesso em: 13 dez. 2020.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. **Análise do Discurso.** In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2009. v.2. p. 100-142.

ORLANDI, E. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas-SP: Pontes Editora, 2010.

RIZZOTTO, C. **Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder.** Revista Estudos da Comunicação, Curitiba (PR), v.13, n.31.PUCPR, 2012.

Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22403>. Acesso em: 13 dez. 2020.

RODRIGUES, C. **Jornalismo online:** modos de fazer. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2009.

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa Brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.